



MÁRIO DE ANDRADE E O ÓDIO PELOS OLHOS APÁTICOS DA BURGUESIA, EM PAULICÉIA DESVAIRADA

Heloisa Targino de Lima^{1*} Kaduan Paiva Silva² Maria Isabel Isaías³

concertos musicais. Claro, diante de uma sociedade estabelecida por intelectuais academicistas habituados aos conceitos que antecederam ao modernismo, as ideias progressistas e inovadoras apresentadas na Semana não foram tão bem recebidas quanto o esperado.

O que mais expôs esse descontentamento com a nova tendência foi o ocorrido na noite do dia 15 de fevereiro, terceiro dia da Semana. De acordo com Nascimento (2015), os escritores que apresentaram suas obras na referida noite recitaram seus poemas sob o som ensurdecedor de vaías, incluindo Mário de Andrade (1893-1945), que, segundo Bosi (2015), não soube como teve coragem de recitar seus versos diante do barulho.

Apesar de tantas controvérsias que antecederam a Semana e as que aconteceram nos espetáculos, Mário de Andrade merece destaque por seu pioneirismo modernista e a forma com que dialogava com a sociedade brasileira da época.

“O roteiro de Mário de Andrade diz bem de um artista de 22 cuja poética oscilou entre as solicitações da biografia emocional e o fascínio pela construção do objeto estético” (Bosi, 2015, p. 277). Este pensamento de Bosi sobre o escritor se constata quando Paulicéia Desvairada (1922), primeira obra verdadeiramente de vanguarda do modernismo brasileiro e porta de entrada para outras produções, rompe com o passado e até mesmo sugere uma nova escola literária: o desvairismo. O livro de poemas conta com o “Prefácio Interessantíssimo” antecedendo a coletânea sobre a provinciana cidade de São Paulo da década de 1920 e sua notável sociedade, mostrando a verdadeira ruptura com as antigas tendências na forma que constrói seus poemas.

Diante disso, analisaremos o poema “Ode ao Burguês”, sob a luz de ideias contidas no Prefácio Interessantíssimo da obra “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade (1922) e dos críticos literários, Alfredo Bosi (2015) e Evando Nascimento (2015). A resistência da sociedade da época para com novos conceitos e temáticas que instigavam a crítica à burguesia intelectual da época será o ponto de partida desta análise.

A partir daqui, será desenvolvida uma relação entre quatro trechos distintos, fazendo um cotejamento entre os críticos supracitados, o “Prefácio Interessantíssimo” de Paulicéia Desvairada e o poema “Ode ao Burguês”, também contido no livro de Mário de Andrade.

O modernismo brasileiro emerge, no primeiro vintênio do século XX, como um movimento revolucionário na forma de fazer arte no país, refletindo uma transformação não somente estética, como também cultural e política, segundo Abel (1995). Dessa forma, o movimento desafiou as tradições estabelecidas na época, ressignificando os temas abordados nas artes visuais, música e literatura. Bosi (2015) afirma que o modernismo se entende como algo mais que um conjunto de experiências de linguagem, ou seja, foi um agrupamento de reações ao contexto da época.

Com influências trazidas da Europa, a exposição de Anita Malfatti em dezembro de 1917 foi “o fato cultural mais importante antes da Semana e que serviu de barômetro da opinião pública paulista em face das novas tendências” (Bosi, 2015, p. 268). A partir da exposição da artista plástica, os conceitos modernistas foram se espalhando, até a culminância oficial com a Semana de Arte Moderna, que aconteceu entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922.

Segundo Nascimento (2015), a Semana mesclou exposições de pinturas e espetáculos variados, como conferências, leituras de poemas, danças, recitais e

^{1*} Graduanda do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: heloisatarginoifce@alu.uern.br

² Graduando do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: kaduanpaiva@alu.uern.br

³ Graduanda do sétimo período do curso de Letras: Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), na Faculdade de Letras e Artes (FALA), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: mariaisaia@alu.uern.br

A seguir estão expostos os trechos mencionados para a análise comparativa:

Trecho 1	Trecho 2
“Mário de Andrade confessa que não sabe como teve coragem para dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que não escutava, no palco, o que Paulo Prado lhe gritava da primeira fila das poltronas”. (Bosi, 2015, p. 271)	“Portanto, a Semana de Arte Moderna de São Paulo foi o marco de ruptura do movimento de intelectuais que desestabilizou o sistema tradicional da cultura brasileira”. (Nascimento, 2015, p. 382-383)
Trecho 3	Trecho 4
Prefácio Interessantíssimo “Aliás versos não se escrevem para leitura de olhos mudos. Versos cantam-se, urram-se, choram-se. Quem não souber cantar não leia Paisagem n.01. Quem não souber urrar não leia Ode ao Burguês. Quem não souber rezar, não leia Religião.” (Andrade, 1922, p. 76)	Ode ao burguês “Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, [o burguês-burguês!] A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! O homem-nádegas! O homem que sendo francês, brasileiro, [italiano,] é sempre um cauteloso pouco-a-pouco! Eu insulto as aristocracias cautelosas! Os barões lampiões! os condes Joões! os [duques zurros!] que vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os Printemps com as unhas! [...] Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio! Morte ao burguês de gíolhos, Cheirando religião e que não crê em Deus! Ódio vermelho! Ódio fecundo! ódio cíclico! Ódio fundamento, sem perdão! Fora! Fu! Fora o bom burguês!...” (Andrade, 1922, p. 88-89)

Em primeiro lugar, deve-se deixar clara a relação entre os quatro trechos mencionados. O contexto da terceira noite da Semana trazido por Bosi (2015), a transformação gerada na sociedade mencionada por Nascimento (2015), o trecho do Prefácio Interessantíssimo e o poema “Ode ao Burguês” de Andrade (1922), conversam, a partir de alusões históricas e poéticas, em uma só língua.

Quando há a análise da semântica de “burguês” no contexto do modernismo, fica evidente que esse termo representa a figura do passadista, aquele que, preso às amarras de outras escolas literárias, não aceita o moderno. É o indivíduo egocêntrico, é “o homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!” (Andrade, 1922, p. 88-89). Dessa forma, os alvos de Mário de Andrade ao escrever “Ode ao Burguês” não poderiam ser mais claros, e tais alvos ficam frente a frente com o autor na Semana de Arte Moderna de 1922, dispostos a despejar sobre ele todo o desprezo despertado, como menciona Bosi (2015) no trecho 1.

As vaias incessantes da plateia, composta por intelectuais acostumados a versos passadistas, que exprimem justamente o “burguês” trazido no poema, são fruto de uma indócil opinião contrária à revolução apresentada. O modernismo, assim como diz Nascimento (2015) no trecho 2, desestabilizou o sistema tradicional da cultura brasileira. Dessa forma, o poema de Mário de Andrade deixa explícito o que tanto incomodou as figuras emblemáticas da sociedade brasileira paulistana da época: a crítica à essência vil da burguesia.

Segundo essa lógica, um olhar também deve ser lançado aos últimos versos do poema: “Ódio fundamento, sem perdão! / Fora! Fu! Fora o bom burguês!...” (Andrade, 1922, p. 89). Evidentemente, o texto do poeta se trata de uma afronta à burguesia da época, e mais do que isso, a um burguês específico, como expresso no último verso: “o bom burguês”. Tal burguês seria, portanto, segundo o Prefácio Interessantíssimo de, Paulicéia Desvairada, o burguês que está alheio ao que não o interfere diretamente, ao indivíduo que é apático ao que é novo e o causa estranhamento, como ocorreu na Semana de 1922.

Quando Mário de Andrade insulta o burguês, está, indiretamente, insultando a própria plateia, que, obstinada, renega todos os pejorativos que o autor atribui a ela. Ora, deve ter sido realmente desconfortável para os egos inflados ouvirem de um poeta que eles “vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os Printemps com as unhas!” (Andrade, 1922, p. 88-89). Todo o descontentamento reproduzido através da barulheira hostil confirma o que Mário de Andrade já havia mencionado em seu Prefácio Interessantíssimo em Paulicéia Desvairada, contido no trecho 4.

Um dos traços mais perspicazes de Andrade na escrita de “Ode ao Burguês” foi a semelhança fonética entre as palavras “Ode” e “Ódio”. Dessa maneira, ao interpretar o poema em voz alta — característica das Odes —, soaria algo como “Ódio ao burguês”.

Nessa perspectiva, Ode ao Burguês pode ser visto como um confronto direto ao que o autor chama, em seu prefácio, de “olhos mudos” da burguesia, que se recusava a enxergar além das suas falsas moralidades e superficialidades. A sugestão no Prefácio Interessantíssimo de que “Quem não souber urrar não leia Ode ao Burguês” (Andrade, 1922, p. 76) ressalta que os versos que escreve não servem para quem não sabe interpretar. Inclusive, não servem para quem não sabe gritar, já que uma Ode é uma construção lírica para ser cantada ou declamada, segundo Silva (s.d) —, ou seja, de nada valem para quem não está disposto a abrir os olhos para a modernidade emergente e as críticas ligadas a ela.

O escritor deixa explícita a vontade que tem de que quem não sabe ler poesia e compreender o que é dito de maneira coerente, não deve ler seus textos. Supostamente, Andrade previa que a burguesia da época não encararia seus escritos revolucionários com bons olhos, provando, com o ocorrido na Semana, estar completamente certo.

Dessa forma, constata-se que a poesia do escritor confrontou as normas sociais e culturais da burguesia da época, questionando e desdenhando dos aspectos que a compunham. Sendo assim, pode-se interpretar “Ode ao Burguês” como uma manifestação clara dos conceitos modernistas e da hostilidade dos passadistas, esta atestada nos trechos dos críticos aqui analisados.

Em suma, é válido reafirmar a clara relação entre os quatro trechos mencionados, que convergem em um ponto de encontro: o modernismo.

O poema “Ode ao Burguês” de Mário de Andrade, o Prefácio Interessantíssimo e os trechos dos críticos literários mostram a crítica à essência da burguesia, confrontando-a diretamente na Semana de Arte Moderna de 1922. Andrade sugere que quem não souber “urra” não deve lê-lo, propondo aos olhos apáticos que não mergulhem em sua poesia, e se não tiverem sensibilidade para contemplar a arte do que é novo, não o faça.

A análise da poesia do autor destaca seu embate com as normas sociais e culturais, questionando, sem pudores, a classe dominante, tornando-se uma representação admirável do modernismo. É possível concluir que Mário de Andrade, com Paulicéia Desvairada, transcendeu sua época e manteve sua relevância crítica e estética até os dias atuais. Grandiosamente, Andrade se tornou superior às vaia hostis e aos olhares apáticos daqueles que não souberam, um dia, interpretar a modernidade da sua literatura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo. In: **Poesias Completas**: Mário de Andrade; edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. São Paulo: Itatiaia, 1987. Disponível em: <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/mario-de-andrade_pauliceia-desvairada.pdf>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

_____. Paulicéia Desvairada. In: **Poesias Completas**: Mário de Andrade; edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. São

Paulo: Itatiaia, 1987. Disponível em: <Pauliceia Desvairada>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. O MOVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO – 1922-1945: CARÁTER LITERÁRIO, ECONÔMICO E POLÍTICO. **Cerrados**, Brasília, v. 04, n. 04, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/755/650>>. Acesso em: 11 de mai. 2024.

BOSI, Alfredo. Pré-Modernismo e Modernismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

NASCIMENTO, Evando Batista. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 E O MODERNISMO BRASILEIRO: ATUALIZAÇÃO CULTURAL E “PRIMITIVISMO” ARTÍSTICO. **Gragoatá**, v. 20, n. 39, 29 dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i39.33354>>. Acesso em: 09 de mai. 2024.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. Ode. **InfoEscola**: navegando e aprendendo, s.d. Disponível em: <Ode - Literatura - InfoEscola>. Acesso em: 12 de mai. 2024.